

Mulheres regentes do carnaval de rua de BH

GTE 18 - Gênero, sexualidade e interseccionalidades e/m Educação Musical

Comunicação

Ana Luiza Braga Simão
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
analupercussao@gmail.com

Lúcia Campos
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
luciapcampos@gmail.com

Resumo: Neste texto, iremos trazer uma perspectiva de gênero no ensino-aprendizagem da percussão no carnaval de rua de Belo Horizonte, um dos maiores carnavais de rua do Brasil atualmente, no qual muitas mulheres estão à frente dos blocos, como coordenadoras, regentes, produtoras, movimentando a festa carnavalesca, ocupando espaços importantes e significativos, sendo espelho para outras mulheres. Através de entrevistas feitas com algumas regentes do carnaval de rua de BH, trazendo visões vindas de contextos e oportunidades distintas, juntamente à experiência de uma das autoras enquanto regente, educadora musical, e agente cultural do carnaval, viemos refletir sobre o ensino-aprendizagem que acontece na rua, conduzido por mulheres à frente das baterias dos blocos de rua de BH, indo contra o fluxo de uma sociedade machista e misógina, como o Brasil infelizmente ainda é. O objetivo é pensar sobre estes processos, de que maneira ocorrem, refletindo sobre a mediação da aprendizagem na rua, sendo este território “desafiador” para os corpos de pessoas que se entendem enquanto mulheres, apresentando situações já vivenciadas, relatando sobre os desdobramentos que a função da regência trás consigo, como a função de educadoras, a prática da regência, as dificuldades e as conquistas encontradas, a fim de que este lugar seja cada vez mais validado como lugar de aprendizagem musical.

Palavras-chave: Mulheres, Percussão, Regência, Carnaval, Educação Musical.

Introdução

Em 28 de julho de 2021 recebi uma mensagem de uma amiga no Instagram. Parecia um novo bloco? Um projeto? Fui conferir... Um projeto aprovado pelo Fundo Municipal de Cultura de Belo Horizonte, destinado a mulheres, com o objetivo de ensinar música através de um pequeno bloco percussivo. Um projeto importante no sentido social, representativo para as mulheres, que cria territórios de pertencimento. Porém, fiquei extremamente incomodada ao ver que a pessoa que ministrava as oficinas, e também estaria à frente do bloco em ações futuras seria um homem (cis-hetéro). Levando em consideração que Belo Horizonte possui diversas percussionistas, educadoras musicais e regentes de bateria competentes e capacitadas, e tratando de uma bateria que deveria ser acolhedora e inclusiva, ter um homem à frente pode não cumprir esse papel, e criar mais um espaço opressor. Desde a última década, por conta de um movimento muito significativo estabelecido pelos blocos de rua, formados por blocos percussivos diversos com instrumentações também diversas, somados aos sopros, bandas ou alas de dança, Belo Horizonte passa por uma retomada do carnaval de rua, com uma marcante presença de mulheres nas baterias, bandas e na regência. Lugares historicamente ocupados por homens, onde essa e outras histórias vêm sendo “reescritas”. “A forma poderosa ou onipotente de ocupação do espaço direciona as imagens culturais que uma nação faz de si mesmo” (SODRÉ, 2002, p. 18).

Nesse texto, vamos apresentar uma breve reflexão sobre a atuação das regentes no carnaval de rua de Belo Horizonte, levando em consideração a questão de gênero, incluindo aspectos relacionados também a classe, raça, e vivências de cada uma¹. Para isso, traremos referências particulares de algumas regentes entrevistadas, mas pensando também, de forma ampla, em como acontecem os processos de ensino-aprendizagem e as práticas de regência em um bloco carnavalesco, com relação à rua, traçando um paralelo com minhas próprias experiências enquanto educadora musical, regente e instrumentista. Importante pensar nas trajetórias, experiências e oportunidades de cada uma particularmente, levando em consideração que simplesmente falar de uma perspectiva de gênero não reduz a possibilidade de excluir, no caso, outras mulheres, ou grupos sociais que geralmente estão à margem em

¹ O texto apresenta a primeira pessoa do singular, quando traz relatos da autora Ana Luiza Braga como percussionista, regente e educadora no âmbito do carnaval de rua, alternando com reflexões mais gerais sobre os processos observados.

nossa sociedade. Claudia Pons Cardoso, na apresentação de *Teoria Feminista, da margem ao centro*, de Bell Hooks, pontua a importância das teorias feministas nas lutas e conquistas das mulheres, chamando a atenção para as contradições e ambiguidades das feministas brancas no enfrentamento ao racismo, dificultando a formação de alianças e causando estranhamento por não incluírem trajetórias contra o racismo patriarcal. Por isso, penso ser importante me reconhecer enquanto mulher branca, cis, mãe e lésbica.

Atuo como percussionista há mais de 20 anos e acompanho os movimentos percussivos da cidade. Em 2003, tocava no Trovão das Minas (grupo percussivo que tinha como referência o maracatu, que desde essa época, já ocupava as ruas da cidade com seu batuque). A quantidade de mulheres batuqueiras já era bem significativa, igual, ou até maior que a quantidade de homens, ao contrário da cena musical profissional da época, onde não havia ainda tantas mulheres percussionistas quanto nos dias de hoje. Muitas dessas mulheres, através da experiência com a cultura popular, inicialmente, se profissionalizaram, e acabaram se tornando percussionistas e regentes de blocos carnavalescos. Interessante destacar a influência da linguagem, instrumentação, ritmos e a referência da regência do maracatu de baque virado em Belo Horizonte, pela experiência de várias “batuqueiras”, que hoje atuam como regentes no carnaval. Chaya Vazquez e Daniela Ramos, contam das suas primeiras experiências no maracatu de Baque virado, ambas aos comandos da regência de Lenis Rino, no Trovão das Minas, que sempre foi “um gigante” regendo, muito expressivo e criativo.

Uma coisa muito forte do Lenis é o corpo, o Lenis regia com movimento, com respiração. Era olhar, respiração e corpo. Foi a primeira experiência que eu tive. O Lenis não precisava falar nada. Ele é tão expressivo fisicamente, tão grande, e ficava dando aqueles pulos na regência. Além de você entrar nessa energia dele, você conseguia antecipar tudo que ele queria te dizer. A regência do Lenis era muito clara.²

Nos anos 2000, antes mesmo dessa retomada dos blocos de rua, o Trovão das Minas, o bloco Oficina Tambolelê, o Tambor Mineiro, e outros, já ocupavam as ruas com seus batuques.

² Trecho da entrevista com Chaya Vazquez, em 24/01/21. Chaya veio da Argentina para Belo Horizonte no início dos anos 2000, quando encontrou o espaço Gonguê, a cultura popular brasileira, e através dela o Maracatu. Tocou durante um tempo no Trovão das Minas. Responsável pela criação do grupo de improviso através de senhas, Frito Na Hora, que trouxe muitas referências da linguagem das senhas para algumas regentes do carnaval de BH. Foi uma das primeiras regentes do Carnaval de rua, esse que conhecemos por “carnaval de luta”.

Porém, naquela época, isso não acontecia durante o carnaval, época em que os batuqueiros do Maracatu iam para Recife tocar, ou assistir os desfiles dos grupos de Maracatu que, assim como as escolas de samba, desfilam “na avenida”, em caráter competitivo.

Nas agremiações das escolas de samba, a responsabilidade também é diferente, no sentido de que também participam todo ano de uma competição durante o carnaval. Cada nota e cada movimento estão sendo observados e avaliados, criando uma atmosfera não tão descontraída como nos blocos de rua. Jhay Dias, primeira mulher mestra de uma bateria de escola de samba em Minas Gerais (em 2013), fala da responsabilidade e também da cobrança destinada a ela própria, e dela aos ritmistas.

Desde quando eu comecei a gerir a bateria, atuando como diretora, eu sempre cobrei: não utilizar muito do álcool, evitar beber muito, pra ter concentração (...). Eu não vou passar a mão na sua cabeça, porque isso aqui vale 10. Isso é uma competição. Se fosse uma apresentação, meu amigo, eu te dava a explicação te abraçando, mas eu não posso fazer isso, porque isso tá valendo uma pontuação, tá valendo dinheiro, é uma competição com “N” escolas.³

Daniela Ramos, atual coordenadora e diretora do grupo Trovão Das Minas, também comenta sobre sua primeira ida ao Recife, para tocar com a Nação Estrela Brilhante do Recife.

Nesse primeiro ano eu toquei bombo, tambor repique, meu tambor Benedita. Ele me colocou lá na frente. Foi desconfortável, porque esse momento é o momento “dos estrelas, da comunidade, dos pretos”. Mas tem uma ordem na arrumação, e eu fiquei lá na frente. É uma grande responsabilidade, a gente que não é da terra, tocar no carnaval, um carnaval onde tem um concurso carnavalesco de agremiações de nações de maracatu. Se você der uma nota errada, pode botar a perder aquele título daquele ano.⁴

Já no universo dos blocos de rua, desde os blocos oficiais cadastrados, incluindo os “não oficiais”, que também se preparam para que tudo aconteça da melhor forma possível no dia da saída à rua, ou “do desfile”, não tem a “pressão” da Avenida por uma excelência, no sentido

3 Trecho da entrevista com Jhay Dias em 30/04/21. Jhay foi a primeira mestra de bateria de uma escola de samba em Minas Gerais, em 2013, pela agremiação Escola de Samba Cidade Jardim. Atualmente é percussionista de alguns trabalhos, como o Bloco Swing Safado, e divide a regência do Afoxé Bandarê em suas saídas às ruas.

4 Trecho da entrevista com Daniela Ramos em 25/01/21. Tendo mãe e pai como músicos profissionais, teve desde cedo oportunidades na música, com acesso a uma educação musical “formal” inicialmente, mas se encantou com a cultura popular, vivenciando algumas imersões em lugares como São Luís (MA), e Recife (PE), onde esteve com mestres do Maracatu, Côco, Boi, Tambor de Crioula, Tambor de Mina e outras manifestações. Atualmente, está à frente do Trovão das Minas, Baque de Mina e é uma das principais responsáveis pelo movimento “Tira o queijo”.

de buscar uma pontuação. O carnaval dos blocos de rua é mais crítico, debochado, e imprevisível.

Nenhum ensaio é igual ao outro. Cê tem que entrar com um rascunho daquela regência, daquela música, porque o arranjo “no prego” não vai sair. A gente ensaia setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro, 5 meses. Chega no dia do desfile, não é nada dos ensaios, não é igual. Então cê não pode ficar na pilha: “Eu ensaiei por 5 meses, no dia do desfile tem que ser lindo, maravilhoso...” Porque não vai ser! Cê tem que ir pensando que é curtição, que é zoação, porque é isso que o povo quer. Aquele trem certinho, vamos tocar bonitinho, orquestra!? Não vai acontecer. Eu custei para aprender isso. (...) A gente vai fazer uma base, um rascunho do que foi lá, não vai ser a mesma coisa.⁵

A saída à rua é uma caixinha de surpresas... Se preparar fisicamente e psicologicamente para o grande dia do festejo, estar aberta a tudo que esse encontro com a rua irá proporcionar. Muitas pessoas e expectativas reunidas, a documentação para a saída, a rota, o cuidado com os instrumentos, o figurino, os ambulantes, a relação com a polícia, com o trânsito, com os moradores... muitas coisas devem ser levadas em consideração, algumas previamente, e outras momentaneamente, nesse processo festivo de ocupação às ruas.

A aprendizagem da rua

Que se cruzem as filosofias diversas, no sarapatel que une Bach e Pixinguinha, a semântica do Grande Sertão Veredas e a semântica da sassanha das folhas, Heráclito e Exu, Spinoza e Pastinha, a biblioteca e a biroasca. Que se cruzem notebook e bola, tambor e livro, para que os corpos leiam e bailem na aventura maior do caminho que descortina o ser naquele espaço que chega a ser maior que o mundo: a rua. (SIMAS, 2019, p. 56)

Por volta de 2009, aconteceram movimentos significativos de ocupação da cidade através de blocos percussivos, inicialmente sem formação prévia. Cada um chegava com seu instrumento “para somar”, mesmo sem prover de técnicas específicas, que cada instrumento necessita. Até hoje alguns blocos ainda acontecem assim. Porém, para estar à frente de uma bateria, a pessoa deveria saber se expressar de forma objetiva e compreensível através dos gestos, olhares e sinais, e conduzir não só o bloco percussivo, mas todo o contexto do bloco com a

⁵ Trecho da entrevista com Laiza Lamara, em 02/05/21. Percussionista, teve sua formação através de projetos sociais. Conta que entendeu a relevância de seguir na profissão, ao ser inspirada por uma professora do projeto (Gal Duvale). Já regeu os blocos Acorda Amor, Tiete da Vevete e RitaLulu. Criou juntamente a outras mulheres o Tapa de Mina, e atualmente é regente do Volta Belchior, e regente de naipe do Havayanas Usadas.

rua, desenvolvendo nesse processo um papel muito importante também enquanto educador(a) musical.

Muita gente entra num bloco sem nunca ter pego num instrumento. Eu já vi gente chegando em cortejo com o instrumento embalado, (...) um dos maiores blocos aqui de BH. Então, eu preciso comunicar com o meu bloco muito antes que as pessoas tenham instrumento, porque eles precisam entender o que eles vão tocar, eles precisam sentir o que eles vão tocar, muito antes. ⁶

Tocar em conjunto é completamente diferente de tocar um instrumento individualmente. Saber tocar com a técnica (mínima) necessária, de forma equilibrada sonoramente, respeitar o seu espaço dentro da bateria, entender que existe uma formação do bloco para caminhar na rua, e que é necessário estar atento não só aos sinais gestuais e corporais, mas aos chamados do apito e outros sinais da regência, são funções desenvolvidas e trabalhadas a partir da regência com a bateria, com a banda, com os foliões e com a rua de um modo geral.

O carnaval em BH foi ganhando grandes proporções e visibilidade, muitas pessoas se interessando pelo batuque, paralelo ao pensamento de que se tratava de um festejo popular que deveria ser totalmente gratuito e inclusivo. A aprendizagem acontecia destituída de um formato específico, em que cada regente, com suas experiências adquiridas, conduzia o processo de troca entre ritmistas e sopristas participantes, tendo em vista que, até então, nem todas as pessoas que estavam à frente das baterias eram percussionistas, ou dominavam todos os instrumentos percussivos. Esse processo foi sendo construído como uma relação da prática coletiva social com a vivência e aprendizagem na rua. Sandroni (2000), em seu texto “Uma roda de choro concentrada”, reflete sobre os modos “extra escolares” de aprendizagem, trazendo as expressões “informal ou assistemático”, apresentando uma conotação de “relaxado”, ou de forma literal, “destituído de forma”, o que não está diretamente relacionado a uma ausência de conhecimento, e sim de um desconhecimento das possíveis formas de aprendizado. Comentando ainda que não existe educação espontânea; ela não apenas transmite cultura, como é ela mesma um artefato cultural,

⁶ Trecho da entrevista com Daniela Milena em 25/01/21. Daniela conta que desde pequena participava de bloquinhos carnavalescos com a família, sendo a única criança na bateria. Cresce em meio a esse universo do carnaval, do samba e do candomblé. Conta que pegou alguns toques escondido com o primo que era ogã, pois mulher não tocava. Entra como batuqueira inicialmente para o Angola Janga, onde logo vem a se tornar regente. Já esteve à frente da bateria também em outros blocos como o Alô Abacaxi e a Truck do Desejo.

elaborado, organizado. E pelo fato de ser difícil de ver, não nos autoriza a considerá-la inexistente.

Adotar uma perspectiva descentrada das relações mestre-aprendiz nos leva a entender que os saberes não residem no mestre e sim na organização da prática social da qual o mestre e o aprendiz são parte. Essa mudança de perspectiva vem deslocando o interesse pelos processos de ensino para a problematização da intrincada organização de práticas que possibilitam a ocorrência de aprendizagens. Nesta abordagem, o conceito de comunidade é fundamental para pensar na concepção da aprendizagem situada enquanto fenômeno de interação num grupo social (e não um processo individual) e o conhecimento como atividade ou processo (em oposição à ideia de produto). A aprendizagem e o conhecimento são vistos de modo contextualizado e relacionados com práticas sociais. (BERGO, 2011, P. 54)

Segundo Jean Lave, aprendizado e cultura são práticas complementares, sempre “ambas as coisas”. Instâncias produtoras delas próprias, e uma da outra. Refletindo não sobre o que as pessoas aprendem, mas como as pessoas aprendem e aplicam seus conhecimentos adquiridos na prática, em contextos distintos (Lave, 2015, p.39). Luciana Prass apresenta a ideia de que as manifestações populares, a escola, a universidade, desenvolvem formas específicas de aprender e ensinar música, e que não há um modelo específico, nesse processo, mas muitas possibilidades. Apresenta a “etnopedagogia” como uma chave para se pensar processos de ensino-aprendizagem musical, que buscam diálogos com as características e os contextos, sociais, etários, étnicos, de classe, de gênero, de cada grupo envolvido (PRASS, 2019, p. 657).

As abordagens etnográficas da aprendizagem musical são fundamentais para a compreensão dos processos peculiares e situados desenvolvidos nos blocos de rua, como vemos no relato de Daniela Milena, regente do bloco Angola Janga:

(...) Tinha que ser uma senha diferente e rápida, que não ocupasse tanto a mão. E você vai tomando intimidade com o bloco, e você faz qualquer coisa e a galera entende. Porque não é fazer isso (mostra o sinal de samba reggae), eu posso fazer isso e a galera nem nunca ter ouvido falar o que é samba reggae, mas eu posso fazer (e cantarola um ritmo/melodia de um reggae conhecido). Cê lembra dessa música? E a pessoa vai tocar. E aí cê fala: Dani, como você faz com uma pessoa surda, por exemplo? Toca pra ela ver, toca nela pra ela ver. Então eu achei uma forma universal de conversar com as pessoas, musicalmente.⁷

⁷Trecho da entrevista com Daniela Milena em 25/01/21.

Eu organizo o movimento, eu oriento o carnaval

Com a dimensão que o festejo tomou, as baterias começaram a crescer, e a necessidade de uma organização maior, se ainda não era explícita, emergiu. Dessa forma, inicia-se uma tomada de consciência sobre a necessidade da valorização do(a)s regentes, o que de certa forma foi, e é um processo lento ainda hoje pela falta de incentivo, verba ou patrocínio dos participantes dos blocos, pelos órgãos públicos ou pelas empresas privadas, através das quais muitas vezes os blocos recebem patrocínios, ou estabelecem parcerias. Ensinar as pessoas a tocar, organizar e conduzir um bloco é algo extremamente trabalhoso e de grande responsabilidade. Parte-se do pressuposto de que a pessoa que irá mediar tal aprendizagem deve dominar a linguagem de cada instrumento tocado em “sua” bateria. Portanto, a partir de então, torna-se necessária uma organização e conscientização da necessidade da musicalização através dos blocos de rua, intencional, programada e organizada pela pessoa que estiver à frente da bateria. Reforçando assim a importância da capacitação e vivências da mesma.

O carnaval marca uma quebra de paradigmas, tempo, espaço e regras. As pessoas se permitem ser e estar de formas diferentes do que vivem no cotidiano. Alguns elementos ajudam a chegar nesses lugares, como drogas e bebidas, no entanto acontece uma transcendência, uma catarse coletiva através da música, do som e da energia causada pela percussão e por todo o bloco, que provoca um estado de “encantamento” coletivo, e que só é possível passando por um fio condutor, que permite que “essa energia” se mantenha, que faz com que todas as pessoas toquem e parem juntas: a regência. Segundo o dicionário “Escolar da Língua Portuguesa”⁸, são atribuídos alguns significados à palavra Regente: “que rege, diretor, administrador, professor interino, dirigente, diretor de orquestra, titular de uma regência”. Como pode-se observar, a palavra regente poderia ser uma palavra neutra, porém as palavras aparecem no pronome masculino, no sentido de que tal cargo, sempre foi associado a esse gênero.

Maestrina, mestra, diretora, ou regente, são os termos encontrados e utilizados para designar a pessoa que comanda o bloco percussivo, ou todo o bloco. Falo aqui no pronome

⁸Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, Ministério da educação e cultura, 4a edição, 1963.

feminino, porque acredito ser de extrema importância trazer esse destaque às regentes, criando territórios de pertencimento a outras mulheres, não só nas vivências da rua, mas também em outros espaços como a academia, no sentido de trazer outras vozes para um lugar onde ainda existe um privilégio epistêmico, e de corpos masculinos cis heteronormativos. Visto que por um longo período o feminismo esteve preso a uma visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, não reconhecendo as diferenças e desigualdades, silenciamentos e formas de opressão distintas ao sexismo, como aponta Sueli Carneiro (2003). Outra questão interessante de destacar também nesse sentido do apagamento, é a aplicação do corretor ortográfico, que apareceu em trechos como: “algumas regentes”, sugerindo mudança para “alguns regentes”, ou “arranjadoras”, com a sugestão de mudança para “arranjador”, e “mestra”, com a sugestão de mudança para “mestre”.

Belo horizonte atualmente tem mais de 500 blocos cadastrados, e dentre os principais blocos que circulam pela cidade, não somente no carnaval, mas durante o ano inteiro, muitos possuem mulheres como regentes. Um protagonismo que se fortalece a cada carnaval, reforçando a presença de corpos não só femininos, como também outros corpos “não masculino cis hétero”. Reivindicando a ocupação de espaços, cargos, de ter nossas vozes e ideias validadas. Repensando as letras de música e a liberdade de expressão. Mulheres como Chaya Vazquez, Daniela Ramos, Daniela Milena, Alcione Oliveira, Samantha Rennó, Isabela Leite, Laiza Lamara, Vitoria Ori, Lira Ribas, Gal Duvale, Isabella Figueira, Marina Araújo, Nara Torres, Solange Caetano, Daniela Ponce, Iamí Rane, Manu Ranilla, Luiza de Paula, Jhay Dias, Mari Quadros, Analu Braga (a autora deste trabalho), e outras não citadas aqui, são alguns nomes de mulheres que atuam enquanto regentes durante o carnaval, desenvolvendo também os desdobramentos desta função, enquanto educadoras, arranjadoras, coordenadoras de bloco e em muitos casos também produtoras.

Em algumas entrevistas, semi-estruturadas, foram relatadas situações em que as regentes já enfrentaram resistência de algumas pessoas (principalmente homens), dentro das baterias. Laiza Lamara, comenta que no Bloco Volta Belchior, ela enfrentou situações desagradáveis.

Já no Volta Belchior, eu já tive um pouco de resistência de alguns homens. Eu não tô te chamando a atenção cara, eu tô tentando te ajudar. A gente não é inimigo

aqui não. (...). Sabe o que eu comecei a fazer? Ah cara, cê não quer? Toca aí o que você quer. E pra tentar bater de frente, ele começou a tocar errado.⁹

Jhay Dias, conta que também passou por situações de resistência vinda de alguns ritmistas na escola de samba Cidade Jardim.

Em 2013, eu com 23 anos, fui a primeira mestra de bateria mulher. (...) Foi muito duro, porque era um ambiente predominantemente masculino, até então. De 100 pessoas, podia contar nos dedos as meninas que tocavam. (...) No dia do ensaio técnico foi o dia em que eu estourei. Cansada de falar e os caras: ah... Aí eu falei: vocês querem saber de uma coisa? Essa bateria tá horrível, eu não preciso de vocês. Eu posso descer tocando isso ai tudo, eu sou competente. Eu não preciso ficar aqui falando pra “nego” virar as costas não. Tá ruim pra vocês? Tira o instrumento e sai.¹⁰

Infelizmente ainda enfrentamos situações desse tipo, em que necessitamos provar que conseguimos executar o nosso trabalho. Porém, com os movimentos que vem se fortalecendo em Belo Horizonte, inclusive o movimento feminista, incluindo movimentos diversos, como das mulheres lésbicas, negras, e transexuais, paralelamente e resistindo a todo esse cenário machista e misógino, que também se valida e ganha força com o cenário do atual governo.

Conclusão

O lugar das mulheres nas baterias e na regência dos blocos, enquanto coordenadoras, educadoras, criadoras e transmissoras de conhecimento e empoderamento, vem sendo cada vez mais reconhecido e legitimado por agentes do carnaval. Sabemos que diante dos problemas sociais e estruturais que vivemos no Brasil, este processo ainda é lento, mesmo tendo nosso país enquanto referência no carnaval. Ainda há muito o que se desconstruir. Dentro do próprio movimento feminista é notório o quanto podemos avançar, mas o que foi conquistado até aqui, que também não é pouco, não nos deixa retroceder. Pensar sobre as práticas de ensino e regência, nossa atuação no festejo carnavalesco, ocupando espaços, ganhando voz, sendo protagonistas das nossas próprias histórias, sem necessitar provar que

⁹ Trecho da entrevista com Laiza Lamara, em 02/05/21.

¹⁰ Trecho da entrevista com Jhay Dias em 30/04/21.

somos capazes de desempenhar nosso trabalho, trazendo nossas práticas e saberes da rua para a academia, e vice versa, ampliando oportunidades, para que os saberes populares sejam valorizados, vivenciados e reconhecidos, criando territórios de pertencimento para que outras mulheres possam falar também a partir de novos lugares e experiências.

Referências

BERGO, Renata Silva. *Quando o santo chama: o terreiro de Umbanda como contexto de aprendizagem na prática*. Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Educação). UFMG, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, 17 (49), p. 117-133, 2003.

DIAS, Jhay. Regentes do Carnaval de rua de BH. Entrevista concedida à Ana Luiza Braga Simão, Lei emergencial Aldir Blanc, 30/04/21, Disponível em: <https://youtu.be/vDZueL49rxk>

HOOKS, Bell. *Teoria Feminista: Da Margem ao Centro*. Lisboa: Orfeu Negro, 2020.

LAMARA, Laiza. Regentes do carnaval de rua de BH, Entrevista concedida à Ana Luiza Braga Simão, Lei emergencial Aldir Blanc, 02/05/21, Disponível em <https://youtu.be/TLKpkWmxSzc>

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, 2015.

MILENA, Daniela. Regente do carnaval de rua de BH. Entrevista concedida à Ana Luiza Braga Simão, Lei emergencial Aldir Blanc, 25/01/21, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fmxc3-fYbrw>

PRASS, Luciana. Etnomusicologia e Educação Musical: da escola de samba para a universidade e de volta. In: Anais IX ENABET, Campinas, 2019.

SANDRONI, Carlos. Uma roda de choro concentrada: Reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas. In: Anais do IX Encontro Anual da ABEM, Belém, p. 19-26, 2000.

RAMOS, Daniela. Regentes do Carnaval de rua de BH. Entrevista concedida à Ana Luiza Braga Simão, Lei emergencial Aldir Blanc, 25/01/21, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sHGEt6vDaBM>

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira*. Salvador: Editora Bahia prosa e poesia, 2002.

VÁZQUEZ, Chaya. Regentes do Carnaval de rua de BH. Entrevista concedida à Ana Luiza Braga Simão, lei emergencial Aldir Blanc, 24/01/2021